

Eleição presidencial O GLOBO 01 OUT 1994

Longe de bananas e cavernas

AUGUSTO NUNES

Nos anos 70, golpes militares na Bolívia passaram a repetir-se com tamanha regularidade que induziram o jornalista Elio Gaspari a uma suspeita muito pertinente: o turbulento ~~grão~~ sul-americano poderia ter encontrado uma alternativa heterodoxa para o rodízio no poder. Em vez de eleições diretas, os bolivianos promoviam, cada dois anos, quarteladas.

Aperfeiçoada pelo uso, a fórmula ganhou requintes surpreendentes. Antes restrito a generais, o direito de derrubar o presidente de plantão foi estendido a coronéis (e, eventualmente, majores). Além dos ultraconservadores de praxe, também tiveram seus meses de inquilinato no Palácio Quemado representantes da esquerda nacionalista e até do narcotráfico. Fossem quais fossem a patente e a procedência ideológica, ressalve-se, todos os golpistas deveriam apresentar-se enfeitados com quepes enormes e cachos de medalhas na farda de gala. Operou-se uma espécie de democratização do "pronunciamento".

Apesar dessas inovações, os golpes de Estado na Bolívia se tornaram tão

frequêntes que, num determinado instante, pareceram rotineiros demais para merecer destaque na imprensa. Tudo o que é previsível acaba por se tornar tedioso, todas as reprises um dia serão enfadonhas. A rotina e a redundância exaurem o mais apaixonante dos temas, minam a tonelagem emocional até mesmo de episódios que, em seu começo, parecem condenados à prisão perpétua nas primeiras páginas. Poucos anos depois do primeiro combate, a Guerra do Vietnã só escalava as manchetes dos jornais quando algum massacre especialmente brutal explodia nos pântanos da fúria. Poucos dias depois da primeira bomba, a Guerra do Golfo já começava a dividir espaços com a sucessão presidencial americana ou com o conflagrado mosaico iugoslavo.

Se mesmo batalhas travadas com balas e bombas de verdade têm sua voltagem dramática progressivamente reduzida pela previsibilidade, é inevitável que sejam acompanhados sem emoções genuínas certos flagelos crônicos — a seca e a fome no Nordeste brasileiro, por exemplo — e, também, que sejam encaradas com crescente naturalidade batalhas retóricas repetidas regularmente. É o caso da eleição presidencial.

A transferência para a vala do no-

ticiário de tumores tão odiosos quanto curáveis, categoria em que se enquadram as misérias nordestinas, é um sintoma de primitivismo: a renúncia à indignação apenas reafirma a infinita capacidade humana de aceitar o inaceitável, de fechar os olhos à vizinhança do horror. Bem diferente é o sentimento suscitado pela progressiva incorporação das eleições à rotina brasileira: apesar de tudo, apesar de tantos, vamos ficando mais civilizados.

Em 1989, Lula não teria causado espanto se definisse o Brasil como uma república bananeira que fala português: qualquer país que atravesse 30 anos sem eleger seu presidente pelo voto direto merece ser comparado às Guatemalas da vida. Foi compreensível, portanto, o tratamento de final de Copa do Mundo conferido por jornais, revistas e eleitores à ressurreição de um tipo de escolha popular assassinado pelo golpe de 1964. Cinco anos depois, a frase de Lula parece lamúria de mau pedredor.

A segunda eleição consecutiva demonstra que estamos ganhando distância de bananas e cavernas. Como sugerem os himalaia de papel consumidos na cobertura da campanha, potencializados pelo clima de arquibancada absorvido por alguns veicu-

los, a imprensa brasileira ainda não consegue encarar a realização de um pleito desse gênero com a naturalidade já exibida por milhões de eleitores. Muitos jornalistas, surpreendidos pelo comportamento do eleitorado, confundiram maturidade com apatia, e viram frustração onde só há serenidade. O povo apenas constatou que escolher o presidente em eleições diretas e livres é um direito a exercer de tempos em tempos. Não há motivos reais, portanto, para transformar-se a campanha num confronto entre as traças da paixão.

A exemplo de tantas nações efetivamente modernas, os brasileiros vão aprendendo que a escolha de um candidato não implica a desqualificação de todos os outros, que o discurso insultuoso se perdeu em algum lugar do passado, que a defesa de projetos sensatos é o caminho mais curto para a chegada ao poder, que a gritaria dos comícios é tão convincente quanto o barulho dos rojões. Sempre haverá os que se engajam em campanhas eleitorais com o fanatismo exclusivista e o autoritarismo passional das torcidas organizadas. Mas esses estão destinados a viver e agonizar em tribos eternamente minoritárias.

Augusto Nunes é diretor de redação do jornal "Zero Hora".